Brasil paga juros atrasados.

Banqueiros ficam eufóricos

Heitor Tepedino

Londres — Os banqueiros da City Londrina estavam eufóricos, ontem, anunciando que o Brasil iniciou o pagamento dos juros em atraso, demonstrando que a partir de agora podem melhorar o relacionamento financeiro com os agentes captadores de recursos para o Brasil, o que facilitaria a renovação dos créditos negociados no sistema interbancário internacional. Além disto, teve forte repercussão a informação de que vários países já haviam aprovado o crédito de US\$ 2,5 bilhões para financiar exportações de seus produtos para o Brasil.

Esses dois fatos tiveram um efeito maior devido à matéria divulgada pelo Financial Times, na última quarta-feira, anunciando que alguns governos estavam recusando-se a aprovar o crédito de exportação de US\$ 2,5 bilhões, com possibilidades de prejudicar, inclusive, o fechamento do "jumbo" de US\$ 6,5 bilhões, o que deixou os banqueiros preocupados com o desenrolar das negociações.

O que vem ocorrendo na Inglaterra, é que a primeira-ministra, Margaret Thatcher vem soltando frases críticas ao Brasil nos últimos tempos, embora a sua preocupação seja restrita à área política, sempre visando a Argentina. No entanto, na área econômica, as profecias de Thatcher não se concretizam, com os ingleses aderindo a todos os programas apresentados pelo Brasil à comunidade financeira internacional.

Atualmente a Inglaterra vem desenvolvendo um grande esforço visando a recuperação econômica, dando incentivos dos mais diversos aos industriais da área de exportação, o que significa que o crédito que irá liberar para o Brasil é de grande interesse deste país, que precisa exportar para reduzir o número dos seus desempregados. Tratando-se do Brasil, com 120 milhões de consumidores, nenhum país quer sair do seu mercado, já que as crises sempre ocorreram e um dia tem de ser superadas.

O Brasil tem sido um bom parceiro comercial da Inglaterra nos últimos anos, principalmente no campo naval, setor cuja sobrevivência é imprescindível para os ingleses, principalmente pela grande quantidade de mão-de-obra que absorve,

além da tecnologia conquistada, que exige altos investimentos em pesquisa. Na conjuntura internacional deste momento, conviver com países em crise financeira virou rotina, existindo a convicção de que a única solução é os países industrializados passarem a apresentar crescimento econômico, o que já é uma realidade, podendo esta política ser traduzida como aumento de receita para o mundo em desenvolvimento.

Sem o incremento de produção dos países desenvolvidos, tanto os banqueiros internacionais como os governos considerados ricos sabem que o Terceiro Mundo não conseguirá suportar o custo financeiro dos seus débitos, significando que depende dos industrializados para que a economia mundial volte à normalidade. Todos os números indicam que seria difícil uma reversão da expansão econômica dos Estados Unidos, assegurando que num curto espaço de tempo os países em desenvolvimento estarão melhor amparados para cumprir com os seus compromissos financeiros.

Desta forma, não existem nuvens negras que permitam duvidar do êxito do Brasil no fechamento de todo o pacote financeiro elaborado com o Fundo Monetário Internacional. Entretanto, o sucesso ou não dos programas elaborados são inteiramente dependentes da expansão do comércio internacional, que deve atuar como um completo fundamental para que as metas sejam alcançadas, porque ninguém duvida de que os recursos liberados para países como o Brasil são insuficientes para o prosseguimento dos seus projetos em execução. A expectativa é que os superávits do comércio internacional melhorem o caixa desses países.

Por outro lado, todas as metas visadas também são altamente dependentes de uma política estável em relação à taxa de juros norte-americana, a "prime rate", e dos preços do petróleo, porque qualquer reajuste neste setor seria um desastre para países como o Brasil. Contudo, enquanto os Estados Unidos garantem que não irão permitir elevações dos juros, os árabes estão sem capacidade de aumentar o preço do petróleo. Este quadro não apresentou-se por um acaso, foi simplesmente montado pelos países desenvolvidos, que sabem que os subdesenvolvidos não sobreviveriam a um novo furacão de expansão dos seus custos nesses dois setores.